

## ***O discurso médico-higienista no contexto educacional brasileiro do século XX: Arthur Ramos, Escola Nova e higiene mental***

*The doctor-hygienist discourse in the Brazilian educational context of the twentieth century: Arthur Ramos, New School and mental hygiene*

*Jefferson Mercadante*

*Doutorando em Educação pela Universidade  
Federal de São Carlos  
jeff\_mercadante@yahoo.com.br*

**Resumo:** O presente artigo é um estudo bibliográfico e de análise histórica das relações entre os movimentos de Higiene Mental e da Escola Nova brasileira a partir da atuação do intelectual e médico psiquiatra Arthur Ramos. Consideramos nesse trabalho a dimensão social, cultural e econômica da sociedade para então analisar a literatura sobre o higienismo e o escolanovismo no Brasil com vistas à definição de conceitos pertinentes às relações entre tais movimentos. Para tanto, procuramos analisar criticamente a produção de Arthur Ramos e sua atuação no Serviço de Ortofrenia e Higiene Mental para situar seu lugar na relação entre os conceitos de Higiene Mental e Escola Nova.

**Palavras Chaves:** Arthur Ramos, Escola Nova, Higiene Mental.

**Abstract:** This paper is a bibliographical and historical analysis of the relationship between the movements of Mental Hygiene and the New School Brazilian. The study covers the performance of the intellectual and psychiatrist Arthur Ramos. We consider the social, cultural and economic dimensions of the Brazilian society of the twentieth century and we analyze the literature about higienism and the New School in Brazil to define concepts that refer to the relationship between these movements. We also analyzed the production of Arthur Ramos and his performance in service Orthophrenology and Mental Hygiene to define their place in the relationship between the concepts of Mental Hygiene and the New School.

**Keywords:** Arthur Ramos, New School, Mental Hygiene.

## A modernização capitalista no Brasil República

O movimento higienista brasileiro ganhou espaço, sobretudo nos campos da Saúde e da Educação, nos anos 1870, quando o discurso sanitarista tomou conta da intelectualidade brasileira, sob as mais diversas correntes teóricas e ideológicas, como foi o caso da ideologia<sup>1</sup> racial preconizada pela eugenia.

A entrada e aceitação desse ideário evolucionista, segundo a historiadora Lilia Moritz Schwarcz, receberam uma “entusiasta acolhida, em especial nos diversos estabelecimentos científicos de ensino e pesquisa, que na época se constituíam enquanto centros de congregação da reduzida elite pensante nacional” (SCHWARCZ, 1993: 14). De acordo com Schwarcz,

Em meio a um contexto caracterizado pelo enfraquecimento e final da escravidão, e pela realização de um novo projeto político para o país, as teorias raciais se apresentavam enquanto modelo teórico viável na justificação do complicado jogo de interesses que se montava (SCHWARCZ, 1993: 18).

289

O ponto de união da intelectualidade que se preocupava com essas questões era o objetivo de formar/adequar o melhor cidadão e trabalhador para alcançar o progresso da nação. Coube, portanto, aos “homens de ciencia”, transformar o tema racial em um argumento legítimo para viabilizar um projeto nacional de desenvolvimento.

Do darwinismo social adotou-se o suposto da diferença entre as raças e sua natural hierarquia, sem que se problematisassem as implicações negativas da miscigenação. Das máximas do evolucionismo social

---

<sup>1</sup> A nossa concepção de ideologia remete à Escola de Frankfurt, especificamente a Adorno e Horkheimer (1973), que ao esboçarem a transformação estrutural e as mudanças nas funções históricas do conceito de ideologia, afirmam que “ideologia é justificação”, ou seja, justificativa para a manutenção da ordem social existente (ADORNO & HORKHEIMER; 1973: 83). Assim, acreditamos que a ideologia se manifesta enquanto instrumento funcional de convencimento na manutenção de relações antagônicas de poder. A Escola de Frankfurt, apoiando-se no marxismo, desenvolveu ainda, uma dimensão ideológica mais abrangente, a ideologia tecnocrática (SEVERINO, 1986). O tecnocratismo é a ideologia que representa o conhecimento científico como a única forma de conhecimento verdadeiro, universal, objetivo, e neutro, apto a reger a existência social dos homens, assegurando a sua felicidade através dos instrumentos técnico-científicos que viabiliza (SEVERINO, 1986). Portanto, identificamos no ideário higienista e, mais especificamente no discurso de Arthur Ramos, o tecnocratismo que afasta, muitas das vezes, o problema da sua gênese social.

sublinhou-se a noção de que as raças humanas não permaneciam estacionadas, mas em constante evolução e “aperfeiçoamento”, obliterando-se a ideia de que a humanidade era uma. Buscavam-se, portanto, em teorias formalmente excludentes, usos e decorrências inusitados e paralelos, transformando modelos de difícil aceitação local em teorias de sucesso (SCHWARCZ, 1993: 18).

Ao final da Primeira República e com a crise dos anos 1920, assistimos a questão do sistema de ensino assumir o papel de transformar o cidadão brasileiro. O lugar da educação no Brasil republicano é, portanto, central – a ordem e o progresso liberal apenas seriam possíveis a partir de uma mudança moral e comportamental, que adequasse a população a um novo papel: o de cidadão trabalhador.

De maneira geral, o discurso higienista que se encontrava no campo pedagógico, nesse período, era dominado por termos negativos, como “anormais”, quando se referia à criança que possuía dificuldades de aprendizagem. A maior parte desses conceitos estava ligada à patologização de questões sociais, proveniente da área médica.

290

Mário Yahn (1908-1977), psiquiatra higienista que escreveu na década de 1950 um tratado de Higiene Mental, aponta que a “Higiene Mental não é uma ciência, mas um ponto de vista especial que adotamos para atingirmos determinados fins práticos no sentido de bem estar psíquico” (1955: 25). A partir dessa definição, podemos afirmar o caráter ideológico do higienismo se lembrarmos dos objetivos pretendidos pelo Estado e elites econômicas para a saúde mental do indivíduo. Observamos, portanto, que a Higiene Mental buscou desenvolver no Brasil uma ciência que pudesse solucionar os problemas apontados pelas elites e, para tanto, emprestou da ciência eugênica seus métodos e instrumentos.

A evidente preocupação com o desenvolvimento nacional se refletirá nas discussões acerca das práticas educativas para com os menores no movimento escolanovista brasileiro, movimento que predominou na cena educacional entre 1932 e 1969 (SAVIANI, 2010). Assumindo a perspectiva higienista do movimento da Escola Nova, os menores, crescendo analfabetos, poderiam constituir-se em elementos negativos da ordem e do progresso no ponto de vista do capitalismo, já que ações em prol da alfabetização, por exemplo, eram sempre justificativas para ações de racionalização tendo em vista necessidades do mercado. Para uma nação que se queria moderna, era necessária

uma escola igualmente moderna, alinhada com os discursos pedagógicos internacionais, nos quais predominava a racionalização dos métodos e resultados.

Dessa forma, para que não comprometessem o progresso nacional, os indivíduos considerados degenerados passariam por processos de triagens, exames e seleção por meio de testes psicológicos, aplicados e aprimorados pela Liga Brasileira de Higiene Mental. Assim, a ideologia higienista inventou a necessidade de diagnosticar a anormalidade através da psicometria, mascarando outras possibilidades para o enfrentamento dos problemas de aprendizagem, tais como a qualidade da educação oferecida às camadas menos favorecidas e outros determinantes sociais, econômicos e culturais.

Nesse contexto, em concordância com os avanços da Higiene Mental, a Escola Nova introduziu, através de reformas educacionais, instrumentos psicopedagógicos variados para mensurar o desempenho e as características dos alunos, buscando a eficiência da missão educacional que se propunha para a nova configuração política, econômica e social, transferindo a responsabilidade do desempenho escolar ineficiente para as características “desajustadas” dos indivíduos, fossem elas psicológicas – que caracterizavam os “anormais”, termo empregado pela pedagogia europeia e disseminado pelo mundo ocidental para designar todas as crianças com dificuldades de aprendizagem, – ou sociais – as “crianças-problema”<sup>2</sup>, termo adotado por Arthur Ramos para designar as crianças vítimas do “desajustamento” social ou familiar.

É nesse contexto, pois, que o médico, antropólogo e psiquiatra alagoano Arthur Ramos ganha relevância. Buscando aproximar os princípios higienistas de sua época à pedagogia renovada proposta pelo movimento da Escola Nova, durante o período em que Anísio Teixeira esteve à frente do Departamento de Educação do Distrito Federal, Ramos ocupou a direção da Seção de Ortofrenia e Higiene Mental do Instituto de Pesquisas Educacionais (IPE). Ali, em pesquisas junto às Escolas Experimentais, buscou estudar as causas do desajustamento de muitas crianças ao ensino escolar, através da caracteriologia individual de cada uma delas, em seus aspectos de personalidade, inteligência e capacidade, chegando ao conceito de “criança-problema”.

---

<sup>2</sup> Consideramos o pioneirismo de Arthur Ramos na divulgação, no Brasil, do conceito de “criança-problema” no contexto educacional. Entretanto, a reformulação do conceito de “normalidade”, bem como a concepção de “criança-problema” (*problem children*), já havia sido estudada e divulgada nos Estados Unidos por pesquisadores como John Edward Bentley, em 1936.

## A Educação legítima a Higiene Mental

Com o compartilhamento dos preceitos de higiene mental e eugenia entre os intelectuais brasileiros, a prática social passou a ser permeada por esses ideais, que adentraram todas as esferas da vida cotidiana, tais como a família, o trabalho e a educação. A Liga Brasileira de Higiene Mental, fundada em 1923 pelo psiquiatra Gustavo Riedel (1887-1934), passou a buscar em diferentes âmbitos sociais, e principalmente na educação, possibilidades de intervir no aperfeiçoamento moral do cidadão e melhoramento da saúde mental. Nesse momento, a criança passou a ser o escopo dos intelectuais higienistas e psiquiatras da Liga Brasileira de Higiene Mental e a prevenção deu lugar à cura.

O médico higienista, Mário Yahn (1955), buscou justificar a preocupação com a saúde mental da criança:

a procura dos motivos dos conflitos humanos, especialmente depois das descobertas da Psicanálise, se encaminha para o estudo da vida da criança. O indivíduo tende a repetir, em sociedade, sob aspectos diferentes, os mesmos conflitos havido na vida infantil, particularmente na idade pré-escolar. Daí a razão de se proporcionar à criança uma vida estruturada num sistema familiar são e desprovido ao máximo dos graves defeitos da visão egocêntrica dos adultos. Esta é uma das principais preocupações da moderna Higiene Mental (YAHN, 1955: 18-19).

Ao afirmar a influência do meio familiar na constituição da personalidade do homem adulto, a prática higienista voltou-se para o acompanhamento infantil, a fim de instalar no psiquismo da criança hábitos saudáveis, evitando o surgimento de personalidades desequilibradas.

Nesse sentido, uma significativa realização da Liga foi a criação da primeira clínica de eufrenia no Brasil. O termo *euphrenia* — do grego: *eu* + *phren*; *phrenós*: bom + mente, espírito — foi proposto por Mirandolino Caldas, diretor da Clínica, e traduzido por ele mesmo como “sciencia da boa cerebração”.

Inaugurada em 1931, a Clínica de Eufrenia, segundo a Liga, deveria acompanhar e orientar a evolução mental da criança para a boa formação do psiquismo e personalidade

infantil, ao mesmo tempo em que deveria diagnosticar deficiências ou superioridades mentais (MANSANERA & SILVA, 2000). De acordo com Mansanera e Silva (2000), a Clínica de Eufrenia receberia das escolas os casos de crianças com pequeno desvio de personalidade, corrigindo-os a tempo de evitar a disseminação de indivíduos onerosos ao progresso da nação. Nas palavras de seu diretor, a clínica foi idealizada

(...) não apenas com finalidades corretivas ou do reajustamento psíquico, mas também com objetivos construtivos, isto é, de aperfeiçoamento do psiquismo, através de uma atuação médica-pedagógica direta no período inicial do desenvolvimento mental infantil (CALDAS, 1932: 65).

Segundo Monarcha, Mirandolino Caldos se utilizou da “eufrenia médica-pedagógica” que visava, especificamente, a formação do psiquismo infantil, estimulando os bons hábitos e atenuando as “predisposições mórbidas hereditárias”; da “eufrenopedia”, para remoção dos fatores “endógenos ou exógenos” prejudiciais à evolução do psiquismo; e da “ortofrenopedia” para a correção do psiquismo com desenvolvimento anormal. “Com o auxílio dessas especialidades, Mirandolino Caldas pensava eliminar os efeitos negativos da hereditariedade e constituir as novas gerações conforme um padrão biopsicológico saudável” (MONARCHA, 2009: 278).

Para Mirandolino Caldas e os demais médicos higienistas, “a escola pública seria a via ideal para a prática da higiene mental e, portanto, de combate às patologias provocadas pelo alcoolismo, aglomeração populacional, delinquência infantil e juvenil, baixo rendimento escolar, entre outros” (MONARCHA, 2009: 278).

Esse tipo de intervenção, portanto, não teria sido viável se não houvesse o compartilhamento dos ideais eugênicos e higienistas com o movimento da Escola Nova brasileira, que concebeu a educação escolar e a escola primária como lugar privilegiado para tal tarefa e constituiu-se como mediadora desse ideário entre o Estado e as crianças. Percebemos nesse contexto, a necessidade levantada pelo higienismo de promover intervenções na fase infantil, medidas que se tornaram possíveis com a criação de centros especializados, como a Clínica de Eufrenia e, também, a própria Seção de Ortofrenia e Higiene Mental sob o comando de Arthur Ramos, objeto deste trabalho.

Além dos testes ABC, elaborados por Lourenço Filho, o teste mental de Binet-Simon, que media o nível de inteligência intelectual do aluno, era o mais relevante. Além

desses educadores, Edouard Claparède (1873-1940), professor na Universidade de Genebra, contemporâneo de Piaget e autor de obras sobre o estudo e a mensuração das diferenças individuais de rendimento escolar, tornou-se leitura obrigatória entre os educadores de todo o mundo. Segundo Mansanera e Silva,

Os testes eram importantes para criar uma escala de nível mental que auxiliaria na seleção dos alunos de diversas idades, servindo para a formação de classes homogêneas do ponto de vista intelectual, pois não seria possível submeter ao mesmo plano de aula alunos de capacidade mental diversa (2000: 125).

O próprio *Manifesto dos pioneiros da Educação Nova* (1932) trazia em seu item “A função educacional” a nova concepção sobre a infância erigida pelas reformas educacionais que direcionava a seleção dos alunos com base nas aptidões naturais a fim de desenvolver ao máximo a capacidade vital humana. Pretendia-se, com esse argumento, apontar a valorização de uma educação com base nas capacidades biológicas em oposição à educação como privilégio de classes e formar a “hierarquia democrática” pela “hierarquia das capacidades”.

A discriminação, portanto, residia quando se reconhece “o direito a ser educado até onde o permitam suas aptidões naturais” (MANIFESTO, 1984[1932]: 411). Assim, a Escola Nova propunha-se a contemplar toda a sociedade com as mesmas oportunidades educacionais, mas dependeria das “capacidades” individuais avançar em qualidade. Ou seja, de um lado os alunos “normais”, responsáveis pelo futuro da nação, pensariam a sociedade; do outro, os “anormais”, que por não se enquadrarem nos padrões intelectuais seriam disciplinados e comporiam a mão de obra controlada da máquina do capital, quando não fossem segregados da sociedade.

A “escola para todos” pregada pela reforma educacional escolanovista apontava, assim, para uma inversão da escola reprodutora das diferenças sociais para o espaço de produção das diferenças de escolarização, por meio da seleção de alunos através de testes de medida:

A criança escolarizada seria a educadora de seu meio de origem e, nesse sentido, o direito biológico, de base meritocrática, não pressupunha o direito de ascensão social, mas de manutenção dos diferentes estratos da sociedade em seus devidos lugares, embora reeducados. A grande

revolução estaria em fazer o povo aplicar-se em uma mentalidade fundamentada no trabalho e cujo espírito de solidariedade implicaria uma suposta relação harmônica entre ricos e pobres, cada um em seu lugar, respeitando mutuamente lugares e aptidões (VEIGA, 2004: 76).

Veiga (2004), ao realizar uma criteriosa análise do *Manifesto*, observa que o discurso escolanovista é, antes, eugênico, e foi com vistas ao aprimoramento da raça que submeteram crianças a práticas profiláticas do físico e da mente, o que só fez corroborar a tese do direito biológico à educação:

Não é difícil constatar que a prática de testes que visava à organização homogênea das classes escolares, mesmo que o argumento fosse o de atender dificuldades e potencializar a permanência de crianças pobres na escola, contribui, e muito, para a estigmatização de grande parte da população, marcando gerações e gerações de pessoas pelo fato de pertencer a uma classe escolar C ou D. A classificação e hierarquização dos alunos viria a corroborar a tese do direito biológico e seleção por aptidões (VEIGA, 2004: 77).

295

É evidente que as consequências dessas práticas prejudicaram um enorme contingente de crianças que, condenadas a classes especiais em nome de um atendimento diferenciado e próprio de suas condições biológicas, acabaram segregadas a um ensino de segunda categoria e de caráter assistencialista, confirmando o diagnóstico realizado e produzindo em verdade a deficiência mental e seus estigmas.

A Escola Nova, cuja organização, segundo Thompson, deveria estar pautada em um conjunto de “normas de uma orientação científica e com os preceitos da moderna pedagogia”, empenhou-se em integrar à função da escola a obra do saneamento no Brasil, conferindo nova configuração aos atores e cenários da educação nacional (1917: 08). Thompson ressaltava a condição do professor e da escola enquanto difusores de conhecimentos de higiene, deixando clara sua concepção de que tais conhecimentos eram fundamentais para a melhoria das condições de vida e trabalho da população brasileira na manutenção e desenvolvimento do sistema capitalista. A mesma preocupação com a educação higiênica é percebida no discurso de Lourenço Filho, que defendia a difusão do “culto da saúde por todos os meios práticos possíveis e adaptando-os sempre às

circunstâncias do meio; profilaxia do paludismo, da lepra, do tracoma, e do amarelão” (AZEVEDO, 1960: 105). Para Wanderbrook e Boarini:

A psicologia torna-se o mecanismo privilegiado de educação, e a biologia o fundamento no umbral do qual descansa a prática médica. Com isso, as margens entre educação e medicina desaparecem, criando-se uma unidade pedagógica entre ambas, ligadas com o selo da higiene mental (2000: 12).

O próprio Arthur Ramos reconhecia “na infância o principal campo de ação da higiene mental” no processo de ajustamento do indivíduo aos seus sucessivos círculos de vida (RAMOS, 1949[1939]: 22). A Escola Nova brasileira nasceu, então, como local de ensino da higiene, onde os esforços despendidos na alfabetização dependiam do equilíbrio mental do povo brasileiro, já que suas características eram inatas e não as condições sócio-políticas consideradas geradoras dos problemas sociais.

## 296

### Arthur Ramos e a Seção de Ortofrenia e Higiene Mental

Arthur Ramos nasceu na cidade de Pilar, no estado de Alagoas, em 7 de julho de 1903. Ingressou na Faculdade de Medicina da Bahia em 1921 e concluiu seu curso em 1926, obtendo o título de Doutor em Ciências Médico-Cirúrgicas, ao defender sua tese de doutorado intitulada *Primitivo e loucura*, publicada no mesmo ano pela Imprensa Oficial do Estado da Bahia (CAMPOS, 2007).

Em 1928, foi nomeado médico-legista do Serviço Médico do Estado da Bahia, atual Instituto Nina Rodrigues, em Salvador. Nesse período, Arthur Ramos passou a frequentar a Escola Baiana de Medicina Legal, comandada por Nina Rodrigues e aprofundou seu interesse pelas culturas negras do Brasil.

A partir do convívio diário com os pacientes portadores de doenças, o médico-legista realizou pesquisas que resultaram em sua tese de livre-docência, *A sordície nos alienados*. Ainda na Bahia, redigiu os *Estudos de psicanálise*, em 1931, *Freud, Adler e Jung*, em 1933, e *Psiquiatria e psicanálise*, em 1933 (CAMPOS, 2007).

Ramos se fixou no Rio de Janeiro a partir de 1934, onde passou a dirigir, a convite de Anísio Teixeira, a Seção de Ortofrenia e Higiene Mental do Departamento de Educação e Cultura do Distrito Federal. Nesse mesmo ano escreveu *Educação e*

*Psicanálise* e no ano seguinte, com a criação da Universidade do Distrito Federal, foi nomeado para assumir a cátedra de Psicologia Social, fato que o levou a publicar, em 1936, sua *Introdução à psicologia social* (CAMPOS, 2007).

O serviço de higiene mental na Seção de Ortofrenia e Higiene Mental tinha um caráter preventivo, voltado para todos os alunos, e também um caráter corretivo, quando a criança já se encontrasse “desajustada”. Em ambos os casos, o objetivo perseguido era o da formação de hábitos saudáveis, normais e morais. Para tanto, o Serviço organizava fichas individuais para cada criança, onde eram descritas as informações sobre o sexo e a idade da criança; observações e dados da família; do ambiente familiar, tanto em relação às condições materiais e de habitação quanto aos desajustamentos “psicológicos”; a história obstétrica; o desenvolvimento da aprendizagem e a formação de hábitos; exame antropométrico; orientação ortofrênica<sup>3</sup>.

A higiene mental na concepção do médico alagoano visava, portanto, diagnosticar, prevenir e corrigir problemas de personalidade e de conduta, cuja principal causa, segundo ele, estaria na influência dos meios familiares desajustados, marcados por conflitos domésticos, fome, exploração do trabalho, alcoolismo e uso de drogas. Para Ramos, as “diferenças têm antes um caráter social. São os conflitos psico-afetivos da criança em relação ao seu ambiente familiar e social que modificam o seu desenvolvimento e conseqüente aprendizagem escolar” (1949[1939]: 161).

A Seção de Ortofrenia e Higiene Mental, tal como as Clínicas de Orientação criadas na mesma época, se caracterizou pela aplicação de conhecimentos relativos à psicanálise de crianças e à higiene mental escolar. Arthur Ramos assumiu a missão de levar a Psicanálise para o contexto escolar e defendeu, contra a instrução tradicional vigente até então, a proposta do atendimento individual à criança, sintonizada com as principais ideias da Escola Nova. Segundo Ramos (1934), o papel da Psicanálise no ambiente escolar justificava-se porque sua presença contribuía tanto para a ordenação mais geral das relações no espaço escolar quanto para propor um método para a resolução de situações pedagógicas mais difíceis – o caso das “crianças-problema”. Investigaremos, nesse contexto, os trabalhos psicanalíticos de Arthur Ramos dedicados à educação no

---

<sup>3</sup> As fichas foram recursos estabelecidos pela reforma educacional anisiana e eram utilizadas pelos pesquisadores do IPE para reunirem informações a respeito dos escolares do Distrito Federal. Existia a ficha antropométrica, que continha o registro do desenvolvimento fenotípico e físico do aluno; e a ficha de higiene mental, que registrava sua evolução psicológica. Segundo Dávila, os pesquisadores utilizavam esses dados para expandir uma ciência nacional da eugenia que aplicava teorias estrangeiras à mistura de raças e condições do Brasil (2006).

âmbito científico, cultural e social brasileiro da década de 1930, identificando as principais influências teóricas de suas obras e estabelecendo as relações entre suas obras de cunho psicanalítico e as propostas educacionais da Escola Nova junto à educação brasileira da época.

Publicado originalmente em 1939 pela Companhia Editora Nacional, a obra *A criança problema: a higiene mental na escola primária* de autoria de Arthur Ramos resultou do conjunto das investigações do médico alagoano na Seção de Ortofrenia e Higiene Mental do Rio de Janeiro e constituiu-se, portanto, em precioso documento de análise do discurso médico-higienista que circulou dentro do movimento escolanovista brasileiro.

Arthur Ramos apontou o livro como resultado de observações realizadas em algumas escolas públicas do Rio de Janeiro, entre os anos 1934 e 1939, com um total de duas mil crianças, e propôs-se a apresentar que 90% das crianças chamadas “anormais” em espaços escolares correspondiam, na verdade, a “vítimas de uma série de circunstâncias adversas”, tais como o desajustamento do ambiente social e familiar. Ramos (1949[1939]) assumiu um importante papel no trato com os casos pedagógicos mais complicados, pois, ao refletir sobre o primado da norma mostrou-se resistente à disseminação da psicotécnica no campo educativo da maneira como ocorreu a partir dos testes Binet-Simon em 1907. Para Ramos, o que muitas vezes se julgava um atraso mental ou um déficit da inteligência, revelava-se do ponto de vista da psicanálise como sendo inibições escolares em consequência de conflitos inconscientes. No entanto, Arthur Ramos, considerou a aplicação dos testes indispensável para uma apreciação do psiquismo infantil em graus quantitativos e reconheceu sua importância ao lado de exames complementares de caráter médico-orgânico e neuropsicológico, opondo-se contraditoriamente à importância do sujeito no processo educativo, tida deste ponto de vista como objeto de medidas. Devemos ressaltar, contudo, que o autor considerou legítimo o conceito de “anormal” para os escolares “que em virtude de defeitos constitucionais, hereditários, ou de causas várias que lhes produzissem um desequilíbrio das funções neuro-psíquicas, não poderiam ser educados no ambiente de escola comum” (RAMOS, 1949[1939]: 13).

Com a publicação de *A criança problema* (1949[1939]), a intenção do autor foi, provavelmente, persuadir educadores e pais, através de dados estatísticos e pela fruição de uma numerosa base da “ciência moderna”, da necessidade da aplicação da psicanálise no cuidado da criança problema. Tornar ciência a Pedagogia significou, para os

representantes do escolanovismo, justificar teoricamente os mecanismos de seleção e ordenação social. Trazer cientificidade ao campo da Educação foi, sobretudo, vincular a ação disciplinar da Escola com sua tarefa civilizadora, socializadora; aproximando referências e criando um recorte científico específico do conhecimento. Assim, os preceitos de cientificidade do movimento escolanovista se fizeram presente no discurso de Ramos, que pareceu tomá-lo como única verdade para traçar o “correto” comportamento social.

O médico alagoano deixou clara a proposta de articulação entre diferentes campos científicos que tomam como objeto a criança (Educação, Psicologia, Medicina, Ciências Sociais), demarcando a forte influência do discurso científico e do saber médico no âmbito educacional. Assim, Arthur Ramos preencheu as páginas de seus trabalhos com citações e referências a Freud, Adler, Oskar Pfister, Hans Zulliger, Ernest Schneider, August Aichhorn, Anna Freud, Melanie Klein, Ferenczi, Jung, Hesnard, Pichon, Codet, Laforgue, Codet, Hesnard, Allendy, Melanie Klein; construindo o preceito de cientificidade como parâmetro para o modelo socializador e civilizador da Educação.

Já em 1934, com a publicação de *Educação e psychanalyse*, Arthur Ramos havia apresentado a sua concepção da psicanálise aplicada à educação:

A sua intromissão na pedagogia é perfeitamente valida, tanto nos fins como nos meios da educação. Se esta visa uma ordenação das relações humanas, a psicanálise contribui a desvendar as imperfeições originárias, destacando e mostrando, de outro lado, as tendências à ordenação que existem também em estado inconsciente no homem. Fornece ainda um método de estudo, que favorece a resolução de certas situações pedagógicas “difíceis”, e insolúveis sem o seu auxilio (RAMOS, 1934: 14).

Segundo Ramos (1934), a grande ajuda da psicanálise à pedagogia estava na investigação do inconsciente, pois viabilizaria compreender a criança em todo o seu universo mental, fornecendo aos professores os melhores meios para atuar nas instâncias psíquicas a fim de reordenar a esfera social. Arthur Ramos (1934) também propôs para uma educação psicanalítica, eliminar o excesso de repressão para a “formação de um superego normal”, o que, se considerarmos as postulações freudianas, verificaremos ser

irrealizável dadas às características individuais e a imprevisibilidade das vicissitudes do desejo.

Para explicitar sua acepção ao ideário escolanovista, o médico higienista pautou-se na concepção de respeito à individualidade da criança no processo educativo, a qual, segundo o autor, constitui-se no ponto comum entre o movimento escolanovista e a psicanálise (RAMOS, 1934). A partir do pensamento de Anísio Teixeira e John Dewey, Arthur Ramos destacou alguns princípios escolanovistas norteadores da prática escolar que terão, posteriormente, seu vínculo com a pedagogia de orientação psicanalítica evidenciados pelo Serviço de Ortofrenia e Higiene Mental (SOHM). Logo de início o autor mostrava estar em conformidade com as ideias de Dewey:

A pedagogia moderna descobriu a criança. O mestre não é mais do que um guia, mas um guia tão escondido que a criança não tem a impressão de ser conduzida. Verdadeiramente, “a criança é o centro da escola e não o mestre” (John Dewey). (...) A autoridade exterior tem de ceder o lugar à experiência do aluno (RAMOS, 1934: 13).

## 300

Dessa forma, o SOHM se aproximava das famílias, que na maioria das vezes acabavam envolvidas pelo ideário estatal, reconhecendo no higienismo o cuidado científico necessário para que fosse possível cuidar dos filhos e ao mesmo tempo se adaptar à modernização capitalista. Assim, o estabelecimento de uma ordem no conjunto familiar era entendido pelos higienistas como necessário para se estabelecer a ordem social burguesa, já que o conceito de família tomado por Arthur Ramos era o da família burguesa. A lógica do SOHM era oferecer, portanto, além de uma boa saúde física, uma boa formação moral às crianças e seus familiares, calcada em recortes psicanalíticos, que permitisse formar cidadãos higienizados e moralmente corretos para contribuírem, enquanto classe dominada, com o progresso capitalista. Com a justificativa de que a correta orientação dos familiares possibilitaria o melhor desenvolvimento da criança, o Serviço desejava a higienização de toda a família brasileira “desajustada”.

Arthur Ramos deixou o SOHM em 1939 e, em 1940, viajou para os Estados Unidos, onde ministrou um curso sobre raças e culturas do Brasil na Louisiana State University. Em junho de 1941, fundou a Sociedade Brasileira de Antropologia e Etnografia. Em 1946, conquistou a cátedra de Antropologia da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil com a tese *A organização dual entre os índios*

*brasileiros*. Faleceu aos 46 anos de idade, em 31 de outubro de 1949, quando chefiava o Departamento de Ciências Sociais UNESCO em Paris, França (CAMPOS, 2007).

## Considerações finais

No centro das discussões de Ramos (1949[1939]) sobre os problemas do escolar, estava a defesa de uma assistência e de um tratamento diferenciado para a “criança-problema”. O que percebemos, contudo, é que a concepção de Arthur Ramos de “criança-problema” incorporou elementos da cultura e organização social das classes mais pobres a um tipo de aluno que não estava adaptado ao modelo de ensino pregado pela nova pedagogia e, para tanto, a higiene mental, através do Serviço de Ortofrenia, ajustaria essas crianças a uma boa educação e à sociedade moderna, marcada, então, pelo capitalismo.

A Educação era construída no discurso de Arthur Ramos, portanto, como local de ordenação da conduta da criança no convívio social, formando o indivíduo e sua família para seguirem submissos aos anseios das classes dominantes.

Ramos se situa certamente em um campo discursivo que procurava adequar a população a um projeto de Brasil. Nesse sentido, ainda que sua obra pareça mais preocupada com a dimensão social dos problemas psíquicos, encontra-se eivada da mesma ideologia que acreditava ser possível construir uma nação nova a partir da atuação do controle médico sobre os fatores degenerativos e desagregadores da sociedade. Da mesma forma, a pedagogia renovadora da Escola Nova não conseguia escapar ao ideal de controle social. Ainda que seus métodos proporcionassem maior liberdade e uma consideração maior aos aspectos individuais dos alunos, de uma perspectiva crítica tal modificação apenas tornou mais eficiente o trabalho de controle social para a finalidade de adaptação ao trabalho para o “progresso” da nação.

301

## Fontes

- CALDAS, Mirandolino (1932). A eufrenia, ciência da boa cerebração. In: *Arquivos Brasileiros de Higiene Mental*. Rio de Janeiro, ano 5, n. 2, pp. 65-98.
- MANIFESTO dos Pioneiros da Educação Nova (1984[1932]). *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. vol. 65, n. 150, pp.407-425, maio-ago.
- RAMOS, Arthur (1949[1939]). *A criança problema*. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil.
- RAMOS, Arthur (1934). *Educação e psicanalyse*. São Paulo, SP: Companhia Editora Nacional.

- THOMPSON, Oscar (1917). Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Dr. Secretário do Interior por Oscar Thompson. Diretor Geral da Instrução Pública. *Anuário do ensino do Estado de S. Paulo*. Publicação organizada pela Diretoria Geral da Instrução Pública, com autorização do governo do Estado. São Paulo: Augusto Siqueira & Co., pp. 05-11.
- YAHN, Mário (1955). *Higiene mental e saúde pública*. São Paulo: Edigraf.

## Referências Bibliográficas

- ADORNO, Theodor Wiesengrund & HORKHEIMER, Max (1973) (Orgs.). *Temas básicos de sociologia*. São Paulo, Cultrix, Ed. da Universidade de São Paulo.
- AZEVEDO, Fernando de (1960). *A educação na encruzilhada: problemas e discussões*. São Paulo, SP: Melhoramentos.
- CAMPOS, Regina Helena de Freitas (2007) (Org.). *Dicionário biográfico da psicologia no Brasil: pioneiros*. Conselho Federal de Psicologia: Brasília, DF.
- CARVALHO, José Murilo de (1990). *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras.
- COSTA, Emília Viotti da (1999). *Da monarquia à república: momentos decisivos*. 6 ed. São Paulo: Fundação Editora da Unesp.
- DÁVILA, Jerry (2006). *Diploma de brancura: política social e racial no Brasil – 1917-1945*. São Paulo: Editora UNESP.
- MANSANERA, Adriano Rodrigues & SILVA, Lúcia Cecília (2000). A influência das ideias higienistas no desenvolvimento da Psicologia no Brasil. *Psicologia em Estudo*. DPI/CCH/UEM, vol. 5, n. 1, pp. 115-137.
- MONARCHA, Caros (2009). Práticas de escrita da história da educação: o tema da Escola Nova nos manuais de autores brasileiros. In: GATTI JÚNIOR, D.; MONARCHA, C. & BASTOS, M. H. C. (Org.). *O ensino de história da educação em perspectiva internacional*. Uberlândia: EDUFU, pp.65-94.
- SAVIANI, Demerval (2010). *História das idéias pedagógicas no Brasil*. Campinas, SP: Autores Associados.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz (1993). *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras.
- SEVERINO, Antonio Joaquim (1986). *Educação, ideologia e contra-ideologia*. São Paulo, SP: EPU.
- VEIGA, Cynthia Greive (2004). Manifesto dos pioneiros de 1932: o direito biológico à educação e a invenção de uma nova hierarquia social. In: XAVIER, Maria do Carmo (Org.). *Manifesto dos pioneiros da educação* Rio de Janeiro: Editora FGV, pp. 67-88.
- WANDERBROOCK JUNIOR, Durval & BOARINI, Maria Lucia (2000). Educação higienista, contenção social: a estratégia da Liga Brasileira de Higiene Mental na criação de uma educação sob medida (1914-1945). *Jornada do HISTEDBR – História, Sociedade e Educação no Brasil*. Campo Grande, MS, n. 7. Disponível em:  
<[http://www.histedbr.fae.unicamp.br/acer\\_histedbr/jornada/jornada7/\\_GT1%20PDF/EDUCA%C7%C3O%20HIGIENISTA%20GT1.pdf](http://www.histedbr.fae.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada7/_GT1%20PDF/EDUCA%C7%C3O%20HIGIENISTA%20GT1.pdf)>. Acesso em: 19 mar. 2014.

*Artigo recebido em 31 de outubro de 2014.*

*Aprovado em 24 de abril de 2015.*

DOI: 10.12957/intellectus.2015.20992